

O Futuro da Globalização Econômica e o Amazonas

Nilson Pimentel (*)

20/1/2017

Tanto se tem tratado sobre processos de desenvolvimento econômico regional e se discutido no âmbito do Clube de Economia da Amazônia (CEA) sobre questões determinantes que tendem às possibilidades de se implementar programa(s) que resgatem economias locais em estagnação econômica, levando-se em consideração os conhecimentos científicos e tecnológicos que fazem o estado d'arte do Pensamento e Ações Econômicas que ditam os tempos de mudanças na globalização econômica.

Por alguns indicadores macroeconômicos e dados econômicos de pesquisa de campo, recente, se tem observado que existe um “modelo mental” a ser modificado no Amazonas e não é diferente de outras regiões da Amazônia, notadamente dos novos gestores municipais que agora assumem.

Alguém precisa olhar sobre o muro e vê que existe ‘outro mundo em mudanças acontecendo do outro lado’, pois a forma de gestão por aqui praticada não surtirá mais em resultados nesses tempos de mudanças.

Muito se têm explorado os conhecimentos que se baseiam as teses sobre a teoria do desenvolvimento regional local, mais apropriada às regiões como o território amazonense, de modo a compreender os processos de desenvolvimento dos espaços territoriais municipais.

Assim, em uma reunião para expor alguns fatores referenciais de potencialidades regionais do Município de Manacapuru e que bem poderiam ser abraçados nesse início de gestão do novo alcaide.

No entanto, por experiência e ouvindo palavras do prefeito depreendeu-se que a forma atrasada de encarar a gestão municipal deva continuar naquele Município, seguindo a mesma ‘cartilha partidária de gestão’ que implantaram no Amazonas nesses últimos 40 anos.

Ressalte-se que a apresentação se revestiu de um leque de oportunidades demonstrado para outro horizonte econômico para o Município, diferente do que tem passado pelas municipalidades amazonenses, mas para isto ocorrer, alguém tem que olhar sobre o muro.

Por isso, para os especialistas do CEA acreditam que fatores determinantes influenciam as estruturas espaciais de uma economia municipal, tais como:

- a) as economias de aglomeração, de serviços e de transformações, tanto das famílias quanto das empresas, como em Parque Industrial Municipal;
- b) a inovação tecnológica e de processos que altere e modernize as atividades econômicas produtivas do Município, reordenamento das atividades produtivas em sinergias econômicas;
- c) demonstração de como a mobilidade dos fatores de produção e da chegada de novas formas de fazer negócios poderá alterar a economia local, resgatando economias municipais em estagnação;
- d) a importância de se buscar novas parceiras que possibilitem financiar investimentos produtivos regionais e que aproveitem adequadamente o capital social e político do Município e;
- e) que a nova gestão municipal busque as mudanças que possibilite a eficiência por força do instrumento de Planejamento Econômico Estratégico.

Para aqueles especialistas que estiveram apresentando as potencialidades e oportunidades para desenvolvimento econômico regional local em Manacapuru, é de primordial importância por parte da nova gestão municipal o reconhecimento de que esses fatores são determinantes para o desenvolvimento econômico municipal, pois reorganizam e ordenam determinadas atividades econômicas estratégicas para o Município sair da estagnação econômica que se encontra, pois tende envolver os atores sociais e os agentes econômicos focados nos mesmos objetivos de sinergia convergentes entre os projetos a serem implementados.

Para os economistas do CEA, o estado do Amazonas passa por importante momento de transição econômica, primeiramente no âmbito de seu único projeto de desenvolvimento regional, o Polo Industrial de Manaus (PIM), tendo sido identificado que está em declínio de quantitativo de plantas fabris em operações, queda no volume de empregos gerados, em demonstrativo real, e sem grandes e significativos investimentos fixos produtivos, comprometendo assim a formação bruta de capital fixo no Polo.

Por análise metodológica de alguns indicadores macroeconômicos, nesses cinquenta anos de atividades do projeto Zona Franca de Manaus, traduzido na sua mais expoente razão, o Polo Industrial de Manaus (PIM), pouco ou quase nulo se tem sido utilizado como fator primordial de atração de investimentos, nacionais e estrangeiros, pois se assim o fosse, provavelmente se teria implantada não somente algo em torno de 550-600 plantas fabris, mas, contudo e pelo menos 3.000 plantas, não obstante, os obstáculos locais que emperram e atrasam o crescimento desse Polo.

Outro fator que sempre se discute no CEA são ausências de políticas públicas do governo estadual que provoquem sinergias entre as atividades dinâmicas do PIM e as atividades econômicas regionais, deixando que as atividades desenvolvidas no PIM não interajam com a economia regional, ou seja, não existem aderências econômicas alguma entre essas economias.

Por outro lado, a Ciência da Economia é dinâmica sempre em constantes alterações naquilo em que os economistas do CEA tratam de fluxos econômicos provocados pelos agentes, objeto da ciência, as famílias, o governo e as firmas (empresas), influenciadas pelos conhecimentos científicos tecnológicos que deslocam as curvas de possibilidades dos fluxos, produtivos, econômicos, financeiro, comerciais, tarifários entre esses agentes e as nações que criam ou destroem riquezas (a Globalização).

Visto assim, vejam o Brexit (*Britain Exit*), que significa plano que prevê a saída do Reino Unido da União Europeia (UE), bem como, não se podem fechar os olhos para o que acontece no Fórum Econômico Mundial, em Davos (Suíça) e no tempo que urge a posse do novo presidente dos Estados Unidos da América.

Como as mudanças que em breve se tornarão realidade para o mundo globalizado afetarão os países, desenvolvidos, os em desenvolvimento (Brasil) e os pobres?

Haja vista, o que a todos alarmou com o Presidente da República Popular da China, Sr. Xi Jinping defendendo, enfaticamente, a importância de se buscar novos modelos de crescimento econômico, de cooperação, governança e desenvolvimento econômico global, invocando que as principais causas do lento ou nulo crescimento da economia global, como a falta de uma força impulsionadora capaz de alavancar o crescimento econômico mundial, governança econômica global inadequada e a desigualdade no desenvolvimento global.

Esse líder chinês tratou da necessidade de se desenvolver outro modelo de crescimento econômico impulsionado pela inovação energética, um modelo de abertura e cooperação das relações comerciais ganha-ganha, que poderá ser caracterizado por caminhos coordenados e interconectados, dando importância para um modelo de governança justo e imparcial de acordo com a realidade que se impõe a direção da época, que albergue um modelo de desenvolvimento equilibrado, equitativo e inclusivo.

Pelo visto, em discurso contrário o que já declarou Donald Trump, Presidente americano, que se posicionou contrário à abertura das relações comerciais dos USA, criticou os valores da OTAN – Organização do Tratado Atlântico Norte chamando-a de obsoleta e discordando do Tratado de Washington que auxilia os aliados da Ásia.

Como a globalização econômica parece ter chegado a uma inflexão, onde as decisões dos *big players* levarão a um novo mundo ou a um beco sem saída, discernimento e capacidade de olhar adiante são essenciais para o futuro do mundo em um momento tão crucial.

Como visto já se discute um maior protecionismo, o populismo e o isolacionismo estão em ascensão em países desenvolvidos, acompanhados por uma tendência de antiglobalização, anti-livre comércio, e como nesses tempos de incertezas, na qual o protecionismo, o populismo e o isolacionismo encontraram os fatores econômicos e as questões políticas, incluindo o comércio e os investimentos trans-fronteiriços em declínio, bem como as barreiras ao comércio internacional, as dificuldades de integração regional e as duras políticas de imigração em crise, se tem um grave sinal de alerta, inclusive para regiões subdesenvolvidas como a Amazônia.

(*) Economista, Engenheiro e Administrador de empresas, com pós-graduação: MBA in Management (FGV), Engenharia Econômica (UFRJ), Planejamento Estratégico (FGV), Consultoria Industrial (UNICAMP), Mestre em Economia (FGV), Doutor em Economia, Consultor Empresarial e Professor Universitário: nilsonpimentel@uol.com.br.